

O ensino das Artes Visuais na Universidade

ANA MAE BARBOSA¹

O ENSINO superior de Artes Visuais no Brasil foi sistematizado e oficializado antes do seu ensino primário e secundário. As bases desse ensino superior têm duzentos anos, sendo, portanto, um dos mais antigos do Brasil. Apesar de seu atestado de antiguidade, é um dos sistemas mais maltratados pelos governos e administrações ditatoriais em geral, como veremos neste ensaio. O principal objetivo dos nossos colonizadores portugueses era nos manter sob a tutela da ignorância, o que é comprovado pelo fato de nos haverem proibido de ter imprensa por 300 anos. Só depois de 1808, quando D. João VI, rei de Portugal, fugindo de Napoleão Bonaparte, mudou temporariamente a sede do reinado de Lisboa para o Brasil trazendo grande parte da corte é que começamos a nos desenvolver culturalmente, adotando prioritariamente os valores europeus sem antes reconhecermos a nossa própria intercultura construída em constante processo de hibridização por três séculos.

Foram criadas escolas de nível universitário, de medicina para formar pessoal para cuidar da saúde dos recém-chegados; faculdade de direito para formar uma elite nacional para ajudar a dirigir o país; escola militar para formar grupos de defesa do território nacional; e uma Academia Imperial de Belas Artes para movimentar a corte. Para criar essa escola, parece uma contradição, mas foram contratados na França artistas e arquitetos bonapartistas do Instituto de França. D. João VI foge de Napoleão, mas contrata artistas do Instituto de França, sede do bonapartismo. Chegaram em 1816 e mesmo antes que a Academia começasse a funcionar, passaram dez anos disseminando o estilo em moda na Europa na época, o neoclássico, e conscientemente combatendo o barroco, que crescera aleatoriamente apoiado pelas missões religiosas e que tinha identidade própria diferente do barroco português e italiano, portanto transformado em produto nacional pela força criadora de mulatos e escravos.

A Academia Imperial de Belas Artes foi, portanto, uma das primeiras invasões culturais que o Brasil sofreu por ação governamental e transformou o gosto local, condenando o barroco brasileiro a ser o desprezado *kitsch* da época. Os artistas que trouxeram e implantaram o neoclássico eram a vanguarda internacional no seu tempo despertando o ciúme dos portugueses que reclamavam não haver em Portugal uma escola tão avançada quanto a do Rio de Janeiro.

Visitar Praga é sempre para mim uma viagem que provoca imaginação

nostálgica, pois lá foi possível haver um certo diálogo transitivo do barroco com o neoclássico.

Nos inícios do século XX, a maioria dos estados brasileiros criou suas Escolas de Belas Artes inspiradas na Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro, renomeada Escola Nacional de Belas Artes depois da República, hoje Escola de Belas Artes da UFRJ. Um dos poucos estados que não tiveram uma Escola de Belas Artes foi o Ceará, que só criou um curso superior de Artes Visuais nos anos 1990.

Era da Escola Nacional de Belas Artes que saíam os professores de Desenho para o ensino secundário, disciplina que a partir dos anos 1920 passa a ter algum prestígio e uma certa independência dos métodos de cópia usados na Escola Nacional de Belas Artes. Os liberais como Rui Barbosa e André Rebouças tiveram muita influência na valoração do Desenho e na mudança dos métodos de ensino neoclássicos e românticos para uma introdução ao Design que preparasse para o trabalho na Escola Pública. Rui Barbosa (1941; 1947) escreveu os Projetos de Reforma do Ensino Primário e Secundário mais bem explicitados de todos os tempos, e André Rebouças divulgava em seus artigos especialmente no jornal *O Novo Mundo*¹ as razões da necessidade do ensino de Desenho para a industrialização do país e para o desenvolvimento da inteligência.

Contudo, não havia atenção à preparação dos professores de Desenho e meu principal foco nesse ensaio é a licenciatura em Artes Visuais nas Universidades e no Ensino Superior em geral. A Escola Nacional de Belas Artes nos inícios dos anos XX estava em grande decadência. Maurício Lacerda² (pai de Carlos Lacerda³), como deputado, discutia com frequência na Câmara a situação terrível dessa instituição: professores que não davam aula e ficavam lendo jornais na hora da aula, políticos nomeando professores sem competência e nem sequer adequação às disciplinas que ensinavam⁴ desaparecimento de obras de arte do acervo etc.

Somente em 1927 começou, com Fernando de Azevedo como diretor da Instrução Pública, equivalente a ministro da Educação que não existia na época, o saneamento da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA). Ele procurou aposentar os professores da ENBA e da Escola Normal que não eram concursados e os que não trabalhavam, mesmo os importantes como Brício Filho, ex-deputado por Pernambuco, que era catedrático da Escola Normal, assim como Osvaldo Orico e Raul de Faria, que se tornaram inimigos implacáveis de Azevedo. Brício Filho tinha uma coluna no *Jornal do Brasil* que usou para perseguir todas as decisões de Fernando de Azevedo. Mesmo antes do Estado Novo, Brício Filho virou censor do *Jornal do Brasil* procurando filtrar críticas a Getúlio Vargas e a seus colaboradores.

Fernando de Azevedo também realocou, transferiu vários professores incompetentes que haviam conseguido seus lugares por pistolão (termo empregado para significar interferência de políticos e poderosos), o que acarretou muitos pedidos de demissão, raivas incontroláveis e muitos concursos. Ser professor

“por concurso” na ENBA e na Escola Normal era muito valorizado na administração Fernando de Azevedo. De 1º de agosto de 1928 a 1º de fevereiro de 1929, portanto em seis meses, foram realizados 15 concursos nos quais realmente era aprovado o melhor. A primeira luta para aprovar a ampla Reforma Educacional de Fernando de Azevedo foi contra o Conselho Municipal, porque os conselheiros queriam barganhar cargos em troca da aprovação. Conta-se que, enquanto Fernando de Azevedo lia no Conselho os termos da Reforma, os conselheiros só se preocupavam em anotar o número de novos cargos que seriam criados para negociar com o prefeito ou com o próprio Azevedo, que foi completamente intransigente: ocupação dos cargos só por concurso. Só conseguiu aprovar a Reforma graças à interferência política no Conselho e à defesa árdua de Maurício de Lacerda. Depois da aprovação do Projeto da Reforma, pendurado de artigos inseridos pelos conselheiros, Fernando de Azevedo ainda teve de convencer o prefeito a vetar os adendos e a respeitar as nomeações por concurso. A esse respeito foi extremamente corajosa a carta de demissão que enviou em 23 de janeiro de 2008 ao prefeito Dr. Prado Junior, na qual dizia:

A reforma recentemente aprovada é de execução difícil como todas as reformas profundas, e V. Excia deve ter a consciência nítida da tarefa tremenda que tomou sobre os ombros. Mas, não há lugar para ilusões, ela ficará no papel se o governo de V. Excia procurar cargos para pessoas necessitadas de empregos em vez de procurar pessoas notoriamente capazes para os cargos... Se o merecimento real, indiscutível, não entrar como fator predominante na seleção de pessoas competentes para os novos cargos ou para as vagas que se abrirem, tão longe estará V. Excia. de melhorar a gravíssima situação do ensino no Distrito Federal, que, ao contrário aumentará as dificuldades reinantes, sobrecarregando a máquina burocrática de elementos inúteis senão prejudiciais... (Penna, 1987, p.159)

Sua demissão não foi aceita e os concursos se sucederam. Noticiou-se inclusive que os concursos levaram a aumentar sensivelmente a venda de livros em espanhol e francês.

Em 1935, com a criação da Universidade do Distrito Federal (UDF) por Anísio Teixeira (era secretário da Educação do Rio de Janeiro desde 1931), o aprimoramento do ensino de Desenho teve sua culminância. Foi constituído na UDF um Instituto de Artes visando não apenas à formação de artistas, mas com especial atenção à formação de professores de Desenho. A UDF visava autonomia de ensino e pesquisa. Anísio Teixeira cercou-se de grandes nomes em todas as escolas e institutos da UDF que compreendia

- 1 – Escola de Educação;
- 2 – Escola de Economia e Direito;
- 3 – Escola de Filosofia e Letras;
- 4 – Instituto de Artes;
- 5 – Instituições complementares para experimentação pedagógica, prática de ensino, pesquisa e difusão cultural.⁵

A fidelidade de Anísio Teixeira às Artes e o seu esforço para aprimorar seu ensino o acompanharam toda a vida. Ele fora aluno de John Dewey no Teachers College da Columbia University e um defensor das Artes Visuais não só no currículo da escola e nas universidades, mas também nas suas paredes. O prédio da Faculdade de Educação da USP foi construído sob sua administração para o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep). O arquiteto convidado foi Oscar Niemeyer, que concordou com a encomenda de um grande mural de um artista importante na época. Em todos os prédios que mandou construir para os Inep estaduais era a mesma coisa, o projeto era encomendado a um bom arquiteto e havia sempre um mural de artista reconhecido para confirmar a importância da arte na escola.

O destino do prédio onde se alojou a Faculdade de Educação da USP foi triste, reformado, retalhado, pouco resta de seu desenho original, mas o mural foi restaurado em 2002. Sua restauração se constituiu num trabalho universitário interdisciplinar exemplar para o qual contribuíram o Instituto de Pesquisas Tecnológicas, a Faculdade de Arquitetura e o grupo de restauração do Conselho de Patrimônio da USP. Uma pesquisa a ser feita seria: qual o destino dos murais que Anísio encomendou para os Inep?

A diversidade de tendências políticas entre os professores da UDF era enorme no momento em que já se esboçava o terror anticomunista que dominou a ditadura Vargas

Nas Artes Visuais eram professores Mário de Andrade, Portinari, Edgar Sussekind de Mendonça,⁶ Lucio Costa.⁷

A Escola de Educação era a que contava com o maior número de alunos. No ano da criação da Universidade (1935) havia cerca de 530 matriculados em seus diversos cursos, enquanto na Escola de Ciências havia 106 alunos, 54 na Escola de Economia e Direito, 25 na Escola de Filosofia e Letras e 77 no Instituto de Artes. (Lopes, 2008, p.155, 147-164)

Esse tipo de Universidade de Educação, onde o aluno vai estudar para ser professor, isto é, estudar Física não para ser um físico, mas para ensinar física, foi o que salvou econômica e culturalmente a Coreia do Sul nos anos 1960/1970. Se o aluno se tornava um físico, isso era ótimo, mas o foco de sua formação era torná-lo um professor que dominasse os conteúdos da física e pesquisasse os melhores meios de ensinar. Os jesuítas garantiram que nos cursos de literatura das Universidades a função seja aprender literatura, crítica e história, e não se tornar escritor. Por isso, a crítica literária no Brasil é muito melhor do que a crítica de artes visuais. Ao contrário, alunos de Artes Visuais nas Universidades estão ali para serem artistas e detestam qualquer ligação com a Educação.

Com as artes nas Universidades de Educação se evita que aqueles que querem ser professores sejam humilhados e desprezados por aqueles que já se consideram artistas e, portanto, superiores. Hoje há cursos de Artes Visuais em Universidades cujos professores artistas estimulam os alunos a desqualificar os que querem ser professores.



Figura 1 – Imagem do acervo do Projeto Portinari – Rio de Janeiro, 1938. Candido Portinari professor. Grupo de alunos e colegas de Portinari, na Universidade do Distrito Federal – Instituto de Artes. Entre eles: Mário de Andrade, Roberto Burle Marx, Héris Guimarães e Ignez Correa da Costa. Material de pesquisa para doutorado de José Roberto Peres (em desenvolvimento). Enviada pelo pesquisador em fevereiro de 2018 pela internet.

Mas infelizmente a UDF não vingou. A guerra da Igreja Católica contra a educação pública, aliada à vaidade e prepotência de Gustavo Capanema, que queria fazer a sua Universidade, destruíram a UDF. Em 1939 ela foi fechada com a concordância de seu diretor Alceu de Amoroso Lima. Os alunos foram distribuídos pelas unidades da Universidade do Brasil de Capanema, hoje UFRJ. Muitas de suas unidades já existiam como instituições superiores isoladas, o que fez da Universidade do Brasil uma colcha de retalhos, ou melhor dizendo, um esqueleto sem espinha dorsal. Os alunos de Artes não tinham para onde ir, pois não havia curso equivalente. Terminaram sua formação de Artes Visuais na Escola Nacional de Belas Artes e a formação pedagógica na Faculdade de Educação, esquizofrenicamente separadas do ponto de vista conceitual e prático. Eram rejeitados na Enba porque lá se pensava que educação era mediocridade, como alguns pensam até hoje, e na Faculdade de Educação também não foram bem recebidos porque os educadores consideravam as Artes Visuais mero babado cultural, como os políticos pensam até hoje. Eles ainda pensam que arte é perda de tempo na escola. Arte é considerada coisa de elite e, portanto, só os ricos têm direito a ela, como decidiu a reforma educacional do Ensino Médio de 2016.

Arte não é necessariamente de elite, nós é que deixamos que o seja ao sonegar seu acesso aos pobres.

Enfim, a ditadura do Estado Novo fechou a primeira Universidade no Brasil a dar atenção especial ao ensino do Desenho e das Artes. Com o Estado Novo, depois de quase 20 anos de muito esforço em todos os níveis educacionais, dos Jardins de Infância à Universidade, passando pelo Ensino Primário e Secundário, professores foram presos ou exilados e o progresso educacional, anulado.

A criação de outro curso de formação de professores de Desenho para atuação em escolas secundárias somente ocorreu em 1943, com o Curso de Professor Secundário de Desenho, ministrado pela Escola de Belas Artes (Sá; Dalmás, 2012, p.204). Esses cursos, com diferentes nomes, mas genericamente chamados de “Professorado de Desenho”, surgiram em vários estados e perduraram até 1971.

Não há pesquisas sobre eles, mas levanto a hipótese de que os melhores já tentavam experimentações que intercalavam o Desenho Geométrico obrigatório nas escolas primárias e secundárias da época, diferentes meios de expressão artística e processos de criação.

Os dois que eu conheço melhor são o curso da FAAP e o curso da Escola de Belas Artes do Recife incorporada à Universidade Federal de Pernambuco em 1965. Lá ensinavam Vicente do Rego Monteiro, Anita Paes Barreto, Paulo Freire, Noemia Varela, estes últimos até 1964, e até 1959, respectivamente. A cena cultural e artística de Recife nos anos 1950 era extremamente movimentada como o era a educação em todo o Brasil. A experimentação permitida pelo MEC revigorou a educação no Brasil. Na Escola de Belas Artes do Recife se confrontavam os adeptos da estética escolástica e os modernos. Os alunos se beneficiavam disso. Descrentes das verdades absolutas ou se perdiam ou cada um ousava seguir seu caminho.

O curso de professorado de Desenho da FAAP era privilegiado por ser um curso superior isolado, sem depender da burocracia de uma Universidade. O organizador foi Flavio Motta que trabalhava no Masp onde coordenava os cursos do IAC. Motta, filho de político famoso, àquela altura já era famoso também. Em 1954 ele foi diretor interino do Masp, pois nesse ano Pietro Maria Bardi, criador do Museu, e Lina Bo Bardi estiveram viajando com a coleção em exposições pela Europa e Estados Unidos (Costa, 2018, p.25).⁸ Motta foi o articulador do convenio Masp/FAAP que não deu certo. Segundo o convênio a coleção do Masp iria ser exposta no prédio da FAAP, mas Bardi voltou atrás, enquanto os cursos do Masp, conforme o acordo, ficaram definitivamente na FAAP. O curso de Professorado de Desenho e o Atelier de Arte para crianças criado por Susana Rodrigues no Masp mudaram para a FAAP. Hebe de Carvalho substituiu Susana Rodrigues na FAAP dirigindo o Atelier, Fernanda Milani tornou-se sua assistente e a substituiu quando ela saiu da FAAP.

Fernanda Milani chegou a ser vice-diretora do Curso da FAAP quando teve o nome de Licenciatura em Desenho e Plástica em 1967. Flávio Motta dirigiu todos os cursos da FAAP até 1961, voltando de 1963 a 1966 para dirigir só o curso de Professorado de Desenho. Toda a ebulição das Universidades em relação às artes e à cultura em geral, criando Departamentos de Extensão e Cultura,⁹ que ajudaram a modernização dos cursos de Artes Visuais existentes nos anos 1950/1960, chega ao ápice com a criação do Instituto de Artes da Universidade de Brasília (ICA/UnB) e os cursos de Artes da Escola de Comunicações e Artes da USP (ECA/USP).

A Universidade de Brasília foi mais uma criação ousada de Anísio Teixeira, dessa vez em sua fase de maturidade juntamente com Darcy Ribeiro. Contaram para o ICA com a direção de Alcides da Rocha Miranda, um extraordinário intelectual, arquiteto e administrador cultural. Era um bauhausiano convicto. Organizou um sistema interdisciplinar no ICA que misturava o sistema de créditos e o sistema tutorial nos ateliês dos professores que funcionavam dentro da Universidade. As disciplinas optativas podiam ser cursadas em qualquer unidade da Universidade. Não era incomum um aluno que se dedicava a escultura ir fazer uma disciplina na Física para aprender mais cientificamente acerca de equilíbrio. Foi em 1965, na UnB, que se realizou o Primeiro Encontro de Arte Educação em uma Universidade brasileira. O auditório da ICA, lotado, ouviu atento Augusto Rodrigues, Maria Helena Novais, Glenio Bianchetti, Ana Mae Barbosa (organizadora) etc. As aulas de História da Arte atraíam alunos de todas as áreas na UnB, de Direito a Física. Era uma História da Arte crítica, onde se aprendia pela comparação e pela análise, sem descartar o contexto. Já não se fazia no ICA uma História de “*slides*” ou de “ismos”.

O Instituto Central de Artes funcionou apenas até 1965, pois fechou suas portas (tornou-se um departamento de desenho) pela ação de outra ditadura, a militar de 1964-1983, que demitiu mais de 200 professores, só voltando a se reorganizar com o nome de IdA na década de 1980 através do trabalho de articulação de Grace Freitas. O tempo se encarrega de reverter energias. Se foi um professor da Faculdade de Educação da USP que em 1965 destruiu a UnB, voltada para o social e conseqüentemente as experiências do ICA, foi o Simpósio sobre História da Arte-Educação na ECA/USP em 1984 que animou Grace Freitas a reagir e reestruturar o Instituto de Artes que vem enfrentando da melhor maneira possível os ataques atuais contra as Universidades. As Artes nas Universidades só podem se desenvolver em condições democráticas. Em relação à educação, Gilson Reis, em artigo na *Carta Capital*, também confirma isso:

A educação é um alvo histórico dos golpes de Estado no Brasil. Logo após nosso primeiro Plano Nacional de Educação (PNE), em 1937, houve o golpe do Estado Novo e o plano foi suspenso; em 1962, o segundo PNE, e o golpe militar de 64 o suspendeu. Agora, três anos após a adoção do novo PNE, o golpe que colocou Temer na Presidência acabou com ele, especialmente com a Emenda Constitucional (EC) 95, que congela os investi-

mentos públicos, especialmente para a educação, por 20 anos, mas também com as medidas adotadas pelo Ministério da Educação (MEC), como a que tirou as entidades populares – Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino, *CONTEE* inclusive – do Fórum Nacional de Educação, a reforma trabalhista e o projeto de reforma da Previdência, que atingem duramente os profissionais do setor. (Reis, 2018)

Conhecendo a força destrutiva dos golpes de 1937 e de 1964 contra duas Universidades nas quais o ensino das Artes Visuais era organizado de modo a colaborar com o desenvolvimento da educação pública para todos, é aterrorizante pensar nas manobras atuais para eliminar Artes do currículo do Ensino Fundamental e do Médio, para excluir as Humanidades das Universidades Públicas e para eliminar das Carteiras de Trabalho a profissão de artista.

As Artes na USP não foram tão bem nascidas como na UnB, pois não se tratava de criar um novo sistema de ensino dentro de uma nova Universidade como em Brasília, mas de criar uma unidade dentro de uma Universidade já com maioria e reconhecimento internacional. A USP teve a vantagem de já ter o Museu de Arte Contemporânea (MAC) antes de criar seu Curso de Artes Plásticas. Puderam contar com excelente laboratório de experimentação visual. Mas, embora acertadamente a USP tenha se recusado a incorporar ao tempo de sua criação uma Escola de Belas Artes convencional, demorou muito a incluir as Artes entre os saberes dignos de serem considerados por suas pesquisas, e quando o fez faltou uma teorização robusta que as sustentasse. Um grupo de estudiosos da Arte, todos conhecidos e respeitados pela sociedade que preparava um Instituto para as Artes na USP, pensando as relações teórico-práticas, foi atropelado quando a verba com que contavam foi destinada a criar uma Escola de Comunicações Culturais (ECC).

A Portaria GR n.148, de 19 de março de 1965 (Universidade de São Paulo, 1965) designa uma comissão para a criação de um instituto de comunicações culturais e menciona os cursos de Jornalismo, de Teatro, de Cinema, de Rádio, de Televisão, de Biblioteconomia, de Documentação e de Relações públicas.

Das Artes, só o Teatro foi incluído no âmbito da Escola Comunicações Culturais que começou a funcionar em 1967. Não foram razões teóricas que fizeram que o curso de Teatro fosse assimilado, mas necessidade de atender a um apelo da burguesia dominante. Havia em São Paulo uma Escola de Arte Dramática (EAD) criada por Alfredo de Mesquita que estava com problemas econômicos para mantê-la. A solução foi vender a Escola à USP. Essa compra não está ainda bem explicada, mas a solução institucional foi incorporá-la à nova Escola de Comunicações Culturais, e como a EAD era apenas de nível médio,¹⁰ criar um Departamento de Teatro de nível Universitário também. Alfredo de Mesquita tornou-se o primeiro chefe do Curso de Artes Cênicas da ECA (CAC). Ele fazia parte da comissão que criou a Escola de Comunicações Culturais e “a família Mesquita, proprietária do jornal *O Estado de S. Paulo*, já havia tido influência na criação da USP”.¹¹

Os profissionais das áreas de Música e de Artes Plásticas não se deram por vencidos e logo conseguiram acoplar as outras artes a essa escola, mudando seu nome para Escola de Comunicações e Artes, em 1969. O Curso de Artes Plásticas (CAP) foi liderado por Walter Zanini, que escolheu os professores de História da Arte entre suas excepcionais alunas da FFLCH e os artistas na FAAP. Ele trabalhou nessas duas instituições e era diretor do Museu de Arte Contemporânea da USP.

Zanini, de formação europeia, escolheu a designação Artes Plásticas de origem francesa em lugar da hoje mais usada, Artes Visuais, de origem inglesa. Seguindo a USP, muitas Universidades no Brasil criaram suas escolas ou departamentos de comunicações e artes sem saber que o caso da USP não era uma afirmação teórica, mas uma solução conjuntural.

Os primeiros anos da ECA foram difíceis, como podemos comprovar pelo recém-publicado e impecável Relatório da Verdade sobre a Ditadura na USP (2018).

Em primeiro lugar, os professores e diretores vinham de outras unidades, especialmente da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH), isso em um período de afirmação acadêmica de novas mídias e novas tecnologias com as quais a FFLCH não tinha intimidade. Por outro lado, na exposição de motivos, redigida por Júlio Garcia Morejón e Eddy de Matos Pimenta da Gama e Silva, para a criação da ECC/ECA, a justificação foi diversificar as oportunidades de trabalho para os jovens, citando particularmente os do curso de Sociologia “que com suas agitações promovem inquietações sociais”. Deram a entender que o objetivo era a integração da Empresa-Escola para domar as mentes (Universidade de São Paulo, 2008, v.8, p.13) e esvaziar a agitação política da FFLCH. O que deu certo e transformou a ECA numa das unidades politicamente mais ativas da USP nos meados dos anos 1970 só as contradições dos sistemas políticos e das ações humanas explicam.

Curiosamente a ECA assimilou vários professores que haviam sido demitidos da Universidade de Brasília, como José Marques de Melo, Silvio Crespo, Ana Mae Barbosa, Jean Claude Bernardet, o já muito famoso Paulo Emílio Sales Gomes, e outros professores e alunos perseguidos em outras instituições.

Com a criação dos Cursos de Educação Artística, Licenciatura Curta (acertadamente recusado pela USP) e Licenciatura Plena em 1973, o currículo do Curso de Artes Plásticas teve de se adaptar ao mínimo determinado pelo MEC. Mas o único diploma fornecido pelo CAP era o de Licenciatura Plena. Não foi concomitantemente criado o Curso de Bacharelado. Surgiu um problema, os alunos entravam no curso achando que era para formação de artistas, historiadores e críticos, mas eram obrigados a cursar as disciplinas pedagógicas. Aquela ojeriza à educação nascida na ENBA com a chegada dos alunos da Universidade do Distrito Federal que fora fechada em 1939 foi potencializada no CAP. Persiste, embora tenha sido minorada graças à criação do bacharelado.

A redemocratização do Ensino das Artes nas Universidades no Brasil pós-1964 se iniciou ainda em 1980 na ECA/USP com a Semana de Arte e Ensino, um encontro que reuniu 2.700 participantes oficialmente inscritos, e mais de 3.000 pessoas no campus Butantã. A abertura foi feita por Paulo Freire, uma surpresa para os participantes, pois seu nome não estava no programa para não ser considerado mera atração política, pois acabara de chegar do exílio.



Figura 2 – Abertura da Semana de Arte e Ensino – Paulo Freire e Ana Mae Barbosa, 1980.

A realização da Semana de Arte e Ensino que teve forte conotação e caráter político ocorreu simultaneamente ao Primeiro Congresso da USP (Hamburguer, 1985), organizado pela Adusp. A partir da Semana de Arte e Ensino, associações profissionais de Arte/Educadores foram criadas em todo o Brasil.

Nos anos 1980, que foram para o Brasil o que foi 1968 para a França e os Estados Unidos, os cursos de pós-graduação foram reestruturados e surgiu uma nova Pós-Graduação em Artes. Uma densidade teórica maior foi acrescentada à prática, estabelecendo no CAP três linhas de pesquisa bem definidas: uma voltada para a História e Crítica, outra, para as Poéticas Visuais e uma, de Ensino/Aprendizagem.

Por muitos anos a Pós-Graduação do CAP/ECA foi a única do Brasil a titular mestres e doutores na área de Arte/Educação (Ensino/Aprendizagem). Muitas Universidades Federais criaram linhas de Pesquisa em Ensino de Arte coordenadas por nossos ex-alunos. Uma pesquisa, quando a internet ainda não

era acessível a todos, mostra que de 1981 a 1993 foram escritas 80 teses e dissertações sobre ensino de Arte no Brasil (Barbosa, 1997), das quais 37 foram defendidas na ECA.

Nos anos 1980, muito se discutiu a separação das Comunicações e das Artes para se constituir um Instituto de Artes na USP. O modelo inicial de um módulo de disciplinas comuns a alunos de Artes e de Comunicações (CCA) que caracterizou a grande inovação da ECA, um modelo usado nos colleges e universidades dos Estados Unidos, havia se diluído, se rompido. Acreditava-se que as Artes estavam sufocadas pelas Comunicações, mas algumas vantagens conceituais começaram a emergir quando as Artes passaram a ser mais bem consideradas por diretores oriundos da casa e não importados de outras unidades muitas vezes com nostalgia do paraíso perdido ou querendo submeter as Artes aos mesmos critérios de avaliação das outras linguagens de pesquisa.



Figura 3 – Abertura da Semana de Arte e Ensino – Paulo Freire, Ana Mae Barbosa e João Alexandre Barbosa, 1980.

Foram decisivos para o reconhecimento das Artes no mesmo patamar de importância que as Comunicações os diretores José Marques de Melo, Walter Zanini e Eduardo Penuela. O reconhecimento da linguagem visual como pesquisa foi difícil de conseguir e ousou classificar a década de 1980 como a década da luta pela valorização da especificidade da linguagem das artes, nomeada de linguagem presentacional por Susanne Langer (1980), ao lado da linguagem científica e da linguagem discursiva na USP.

Um dos mais destacados professores de Teatro da ECA, Jacó Guinsburg, muito contribuiu para o embasamento teórico da linguagem presentacional através de seu esforço pessoal em publicar em sua editora particular, a Perspectiva, vários livros e teses que nos serviram de referência dando mais segurança às nossas pesquisas.

Graças aos intercâmbios internacionais, à bibliografia internacional e traduzida pela editora Perspectiva, tivemos na ECA doutorados de artistas em linguagem visual; isso é o resultado das pesquisas sendo apresentados em exposição de pintura, gravura ou múltiplas mídias visuais, antes que isso acontecesse em Universidades norte-americanas, e estamos aceitando também as Pesquisas Educacionais Baseadas em Arte (Peba)

Aceita a linguagem presentacional em teses e dissertações na USP, foi fácil às outras Universidades aceitarem também.

Até 1989 os Congressos de Arte/Educação pouco tratavam do Ensino das Artes Visuais nas Universidades. No III Simpósio sobre o Ensino da Arte e sua História, realizado pelo Museu de Arte Contemporânea da USP, em 1989, se discutiram prioritariamente as Artes Visuais na Universidade. Donald Soucy se refere à importância daquele Simpósio no livro *Fragming the Past: Essays on Art Education* (Soucy; Stankienwicz, 1990, p.13) e sugere a continuidade daquela discussão, o que gerou o I Congresso sobre “O Ensino das Artes nas Universidades” realizado por insistência do então diretor da ECA, José Marques de Melo, em 1992.

Na introdução do livro que resultou do Congresso, José Marques de Melo escreveu:

Considerando que a ECA ocupou nos últimos 25 anos um papel de liderança no ensino superior das artes no Brasil, cabia-lhe a iniciativa de convocar as demais entidades do gênero para refletir sobre o amanhã. Nesse sentido, o evento foi coroado de êxito. A ele compareceram personalidades da maior qualificação didática e científica, discutindo os caminhos percorridos na graduação e na pós-graduação, e fixando metas para este momento de transição histórica que vem caracterizando os anos 90. A realização do congresso coincidiu com o período em que a própria ECA rediscutia seus cursos de graduação, tornando-os mais ágeis e sintonizados com a profissionalização. Na mesma ocasião, ocorria aqui uma mudança radical nos programas de pós-graduação, desmembrando-se o curso pioneiro de mestrado-doutorado em artes em quatro novos programas, dotados de autonomia acadêmica: artes cênicas, artes plásticas, musicologia, estética/história da arte. Tais mudanças, então em processo, beneficiaram-se enormemente das contribuições epistemológicas trazidas pelos professores/pesquisadores de todo o país, reunidos no campus da USP em maio de 1992. (Barbosa; Ferrara; Veraschi, 1993, p.9)

Pela primeira vez ECA, FAU e MAC, as três unidades da USP que têm o Pensamento Visual como seu meio e objeto de perquirição, se inter-relacionaram

para, com a contribuição da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e da Faculdade de Educação, pensar conjuntamente como operacionalizamos a relação ensino-aprendizagem das Artes em geral.

A revolução pós-moderna nas metodologias de Ensino das Artes Visuais, da História aos ateliers já estava em curso tanto no CAP como no MAC, sob a designação de Abordagem Triangular integrando o fazer; o contexto; a leitura da obra (do campo de sentido) da Arte ou da imagem em geral (Barbosa, 2010). Convidamos todas as universidades brasileiras que tinham cursos de graduação em Artes (licenciatura e bacharelado) e Arquitetura no Brasil. Escolhemos o tema “Epistemologia e Profissionalização” porque entendemos que as prioridades na Universidade naquele momento eram, por um lado, proporcionar um ensino que correspondesse aos modos pelos quais se organiza o conhecimento das linguagens apresentacionais, isto é, aos modos pelos quais se aprende arte, e, por outro lado, proporcionar ao aluno formação que lhe permita uma inserção profissional inventiva e possibilite uma educação permanente de seu potencial criador.

O resultado do I Congresso sobre Ensino das Artes nas Universidades foi a criação do Fórum Permanente sobre Ensino das Artes nas Universidades, que se reuniu posteriormente em várias cidades como Belém, Rio de Janeiro e Brasília, sob a égide da Federação de Arte-Educadores do Brasil.

Esses Fóruns foram assimilados pela Comissão de Avaliação do Ensino das Artes e do Design criada no SESU/MEC por insistência das associações de classe até as Comissões serem desativadas.

Penso que a crise que estamos atravessando agora requer uma reinvenção dos Fóruns não mais associados ao MEC para defendermos a liberdade e autonomia que conquistamos no Ensino das Artes Visuais nas Universidades. Desses fóruns deveriam participar as instituições culturais como Centros Culturais e Museus, pois também estão condenados à imobilidade por vinte anos como nos alerta Gilson Reis no artigo “A educação como alvo histórico dos golpes de Estado”, já citado.

Muito ganharia o pensamento universitário brasileiro se abrigasse melhor as Artes em sua fundamentação. Mario Pedrosa recomendava que o Museu de Arte deveria ser o “core” de uma Cidade Universitária. A USP expulsou da Cidade Universitária o MAC sem deixar dele nem vestígios. A ida do MAC para o prédio de Oscar Niemeyer no Ibirapuera deve ser muito festejada porque agora o Museu tem um prédio digno de sua coleção. O criticável é que não se tenha reservado no prédio inaugurado em 1992 dentro da Cidade Universitária um espaço para exposições temporárias do acervo do MAC. Isso estimularia os cursos de Artes Visuais, os estudantes e professores de outras áreas a conviver com paradigmas visuais históricos e de indiscutível qualidade. O exílio absoluto do MAC para o lado de fora do campus fragiliza a relação de pertencimento que a comunidade da USP tem com ele. Além disso, o metro quadrado de uma edifi-

cação para museu é muito mais caro que o metro quadrado para construir salas de aula. Hoje, no prédio do Ibirapuera, estão expostas apenas 10% das obras da coleção do MAC. O pior é que o MAC saiu sem deixar saudades. Ninguém reclamou de sua ausência absoluta no campus.

Das Universidades que conheço, só Yale e Harvard têm museus com coleções mais importantes que o MAC. A Universidade de Indiana, embora tenha o edifício mais espetacular, desenhado por Ieoh Ming Pei, o arquiteto da Pirâmide do Louvre, não tem um acervo melhor que o nosso. Universidades que têm Museus de Arte nos seus *campi* são orgulhosas deles e buscam a interlocução das Artes Visuais com outras áreas do saber. O MAC, entre 1991 e 1993, oferecia a cada semestre uma disciplina em História da Arte aberta a todos os estudantes da Universidade, valendo crédito para seus currículos. A concorrência às vagas oferecidas era de cinco para uma, pois os programas tinham características interdisciplinares associando a história da Arte do acervo à história da Música ou à história do Teatro, e também havia uma disciplina associando o acervo à história da Literatura. Perguntados por que escolhiam essas disciplinas os alunos respondiam que arte interessa a todo mundo, ou que procuravam um saber mais amplo que inter-relacionasse a cultura, diferente da história da arte, da literatura, da música que tinham em seus cursos específicos.

Mas meu sonho nunca foi realizado, oferecer como disciplina cursos de atelier em Artes Visuais, do Desenho às Tecnologias Contemporâneas para qualquer aluno universitário de qualquer área. O exercício do pensamento visual, da capacidade de tradução do mundo tridimensional para o bidimensional, da leitura da imagem e dos objetos, desenvolve a inteligência necessária para toda e qualquer função humana.

Mesmo em plena crise das instituições culturais, não perco as esperanças, quem sabe a Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) que está organizando seus currículos de Artes interdisciplinarmente consiga a transformação que necessitamos no Ensino das Artes Visuais nas Universidades.

Notas

- 1 *O Novo Mundo* foi um jornal publicado em português em Nova York entre 1870 e 1879 para distribuição no Brasil. Foi fundado por José Carlos Rodrigues. O objetivo era vender produtos americanos e o “*american way of life*”. Nele escreveram grandes escritores brasileiros.
- 2 Mauricio de Lacerda foi um defensor das Artes. Ficou famoso nos círculos culturais da época pelo seu discurso em defesa da moralização da Escola Nacional de Belas Artes no plenário da Câmara, publicado nas atas do Congresso Nacional em 25 de setembro de 1919.
- 3 Membro da União Democrática Nacional (UDN), vereador (1945), deputado federal (1947-1955) e governador do estado da Guanabara (1960-1965). Fundador em 1949 e proprietário do jornal Tribuna da Imprensa e criador, em 1965, da editora Nova Fronteira. Marcado pela ferrenha oposição ao “Getulismo” e seus frutos, dentre

- eles Juscelino Kubitschek, foi cassado pela ditadura militar de 1964, como seu pai o fora no Estado Novo, que fechou o Congresso Nacional. Disponível em: <<http://www.frasesfamosas.com.br/de/carlos-lacerda.html>>. Acesso em: 8 out. 2011.
- 4 Havia até uma disciplina, “Higiene das habitações”, para a qual foi contratado um advogado, secretário da ENBA.
 - 5 Decreto n.5.513, de 4 de abril de 1935.
 - 6 Edgar Sussekind de Mendonça era comunista.
 - 7 Lucio Costa havia sido diretor da Escola Nacional de Belas Artes por pouquíssimo tempo entre 1930 e 1931, mas demitiu-se, pressionado pelos conservadores.
 - 8 As exposições foram de outubro de 1953 a fevereiro de 1955.
 - 9 O Departamento de Extensão e Cultura da UFPE teve diretores como Paulo Freire, Hermilo Borba Filho, Ariano Suassuna, Jomard Muniz de Britto, Ana Andrade Com Paulo Freire trabalhavam José Laurenio de Melo, Luis Costa Lima, Marcio Frederico Cortez
 - 10 Se a incorporação da EAD tivesse sido uma decisão conceitual, a ECA teria também criado cursos de nível médio para Artes Visuais e Música.
 - 11 “A Escola de Arte Dramática (EAD), fundada em 1948, por Alfredo Mesquita, foi o embrião dos cursos de teatro da ECA. A família Mesquita, proprietária do jornal *Estado de S. Paulo*, já havia tido influência na criação da USP e a ideia de incorporar a EAD, que passava por dificuldades orçamentárias, foi expressa nos documentos da Comissão Especial que criou a ECA (Universidade de São Paulo, 1965). Na época da criação da ECA e da incorporação da EAD, a legislação federal estabelecia que diretores de teatro, cenógrafos e professores de arte dramática seriam formados por curso de nível superior, enquanto atores, contrarregras, cenotécnicos e sonoplastas seriam formados por cursos técnicos de nível médio (Lei 4.641/1965). Assim, o curso de interpretação continuou na EAD, incorporada à USP como um estabelecimento à parte de formação técnica profissionalizante. Para as formações de nível superior, foi criado o Departamento de Arte Dramática, chefiado em 1967 e 1968 por Alfredo Mesquita” (Universidade de São Paulo, 2018, p.20-1).

Referências

- BARBOSA, A. M. (Org.) *Arte-Educação: leitura no subsolo*. 9.ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- BARBOSA, A. M.; CUNHA, F. P. (Org.) *Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais*. São Paulo: Cortez, 2010.
- BARBOSA, A. M.; FERRARA, L. D’A.; VERASCHI, E. (Org.) *O ensino das artes nas Universidades*. São Paulo: Edusp, 1993. p.9.
- BARBOSA, R. *Reforma do ensino secundário e superior (1882)*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1941. (Obras Completas, v.9, t.1).
- _____. *Reforma do ensino primário (1883)*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1947. (Obras Completas, v.10, t.1, 2, 3, 4).
- BROCOS, M. *A questão do ensino de Bellas Artes*. Rio de Janeiro: s. n., 1915.
- CONDURU, R. et al. *Missão Francesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

COSTA, J. B. *História, arte e arquitetura: Flávio Motta e o ensino como ofício*. São Paulo, 2018. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.

DUQUE ESTRADA, L. G. *Contemporâneos*. Rio de Janeiro: s. n., 1929.

HAMBURGUER, E. W. (Org.) *Para onde vai a USP?* I Congresso da Universidade de São Paulo. São Paulo: Adusp, 1985.

LANGER, S. *Sentimento e forma*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

LOPES, S. de C. Um modelo autônomo e integrador de formação docente: a breve experiência da Universidade do Distrito Federal (1935-1939). *Revista de Educação Contemporânea*, v.3, n.5, p.147-64, 2008.

PENNA, M. L. *Fernando de Azevedo: educação e transformação*. São Paulo: Perspectiva, 1987. p.159.

PEREIRA, S. G. *180 anos da Escola de Belas Artes*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

_____. Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro: revisão historiográfica e estado da questão. *Revista Arte & Ensaio*, Rio de Janeiro, n.8, 2001.

REIS, G. A educação como alvo histórico dos golpes. *Carta Educação*, 2 de fevereiro de 2018. Disponível em: <<http://www.cartaeducacao.com.br/artigo/em-defesa-da-educacao-desenvolvimento-e-justica-social/>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

SÁ, A. de; DELMÁS, B. B. *A história da licenciatura em Educação Artística: o novo currículo que resultou na invenção de uma nova tradição*. Rio de Janeiro, 2012, p.204-11. Disponível em: <<https://joaoextoseminario.files.wordpress.com/2017/01/26-anita-de-sc3a1-e-benevides-braga-delmc3a1s.pdf>>.

SOUICY, D.; STANKIENWICZ, M. A. (Org.) *Fragging the Past: Essays on Art Education*. Reston, VA: National Art Education Association, 1990. p.13.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP. Reitoria. Processo N° 65.1.8185.1.4. Sobre a designação de uma comissão especial para estudar e propor a criação de um instituto que trata das formas de comunicações culturais - escola. São Paulo, 1965.

_____. Comissão da verdade da Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes: o microcosmo da disputa por um projeto de modernidade. São Paulo: USP, 2018. v.8.

RESUMO – Este ensaio se reporta aos inícios dos Cursos Superiores de Artes Visuais na Academia Imperial de Belas Artes e analisa o pioneirismo da Universidade do Distrito Federal em relação ao ensino das Artes Visuais. Salientando os problemas políticos, entra em considerações sobre a renovação representada pelo Instituto de Artes da UnB fechado pela ditadura militar em 1965 e se detém mais especificamente na renovação que a ECA/USP representou para o ensino das Artes Plásticas no Brasil. Chega à conclusão que o Ensino das Artes só pode se desenvolver em situações democráticas.

PALAVRAS-CHAVE: Arte visuais, Universidade, Educação.

ABSTRACT – This essay refers to the beginnings of the Superior Courses of Visual Arts at the Imperial Academy of Fine Arts and analyzes the pioneer role of the University of the Federal District in the teaching of the Visual Arts. Emphasizing political problems,

it takes into account the difficult situation of UNB's Institute of Arts, which was closed by the military dictatorship in 1965, and focuses more specifically on the renewal that ECA/USP represented in the teaching of Visual Arts in Brazil. It reaches the conclusion that the Teaching of the Arts can only develop in democratic situations.

KEYWORDS: Visual arts, University, Education.

Ana Mae Barbosa é professora titular aposentada da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e da Pós-Graduação em Arte, Design e Tecnologia da Universidade Anhembi Morumbi. @ – anamaebarbosa@gmail.com

Recebido em 14.5.2018 e aceito em 11.6.2018.

¹ Escola de Comunicação e Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil.

